

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

física: «O estatuto da Metafísica» (122 pp.) e «Uma nova teologia filosófica» (80 pp. com capítulos sobre o problema dos Universais, a noção de causalidade, o mistério de Deus, a emanação dos seres criados, o optimismo metafísico de Avicena).

O texto crítico do Prof. Simone Van Riet (continuadora, nos domínios de investigação, dessa outra eminente senhora, Marie-Thérèse d'Alverny), cujo enorme trabalho de muitos anos não é fácil de avaliar, vem assim acompanhado de estudos doutrinais subscritos pelo mestre lovaniense de méritos bem conhecidos.

J. M. DA CRUZ PONTES

JOÃO SAMBUCO, EMBLEMATA, / CVM ALIQVOT / NVMMIS ANTIQVI / OPERIS, IOANNIS / SAMBVCI TIRNAVIENSIS PANNONII. ANTVERPIAE, / EX OFFICINA CHRIS-TO-
PHORI PLATINI. / M. D. LXIV. / CVM PRIVILEGIO.
(Reedição fac-similada. Budapeste, Academia Kiadó, «Bibliotheca Hungarica Antiqua», XI, 1982, 240 + 44 p.).

João Sambuco (Zsámboky János) é um dos autores mais representativos da literatura novilatina magiar do século XVI. Nascido em 1531 na então cidade húngara e hoje checoslovaca de Tirnava, tornou-se um humanista de convivência e formação cosmopolita, adquirida, desde muito jovem, em algumas das principais universidades da Alemanha, França e Itália. Nas suas viagens de estudo e contacto pela Europa durante 22 anos, recolheu grande soma de documentos e objectos antigos, principalmente medalhas e manuscritos. A ele se deve, designadamente, a descoberta do poema *Dionysiaca* de Nono (séc. V), de um fragmento de Petrónio e de mais de oitocentas cartas dos Padres da Igreja. Depois de passar, ainda, algum tempo pelos Países-Baixos, fixou-se, finalmente, na Áustria, onde gozou da estima dos imperadores Maximiliano II — que o nomeou cronista da casa de Habsburgo — e seu sucessor Rodolfo II. Veio a morrer, com cinquenta e três anos incompletos, a 13 de Junho de 1584. O recheio da sua livraria, constituída por uma considerável colecção de manuscritos antigos, corrigidos por ele, de livros e de medalhas, foi legada à biblioteca imperial de Viena.

A sua produção escrita é vasta e politemática e estende-se por diversas áreas da literatura, nomeadamente por alguns aspectos da teoria literária, como a metodologia epistolográfica (*Epistolarum conscribendarum methodus*, Basileia, 1552), questões de estilo e mimese (*Dialogi de imitatione a Cicerone petenda*, Paris, 1561 e Antuérpia, 1563) e de arte poética (*Ars poetica Horatii et in eam paraphrasis*, Antuérpia, 1564). Dedicou parte da sua obra à historiografia e geografia local, quer da Hungria (*Appendix a rege Mathia usque ad Ferdinandum I*, Viena, 1558; *Tabula geographica Hungariae*, Viena, 1566), quer da Áustria (*Arcus triumphales aliquot in honorem Jani Austriae*, Viena, 1572), e à história mais geral, como as *Imperatorum*

aliquot Romanorum uitae (Estrasburgo, 1552) e os *Icones veterum aliquot et recentium medicorum philosophorumque cum eorum elogios* (Antuérpia, 1574, *ibid.*, 1603, Amsterdão, 1612 e 1613) e, ainda, ao estudo da astrologia (*Apotelesmata*, Francoforte, 1577). Exerceu, também, grande actividade como editor de obras antigas, nomeadamente *Petronii fragmenta aucta* (Antuérpia, 1565), Plauto (*ibidem*, 1566), o *De arte veterinaria* de Vegécio (Basileia, 1574), Diógenes Laércio, as *Vitae sophistarum* de Eunápio, as *Epistolae amatoriae* de Aristéneto, o *Pinax* de Hesíquio, o *Enchiridion* de Heféstion, a *Syntaxis* de Apolónio Discolo, além das já referidas mais de oito centenas de cartas patrísticas e, ainda, alguma correspondência dos helenistas Bessarion e Crisoloras. Editou, ainda, sobre a história húngara, a *Epitome rerum Hungaricarum* de Petrus Ranzanus (Viena, 1558) e as *Rerum Ungaricarum decades* (Francoforte, 1581).

Da sua obra poética, toda ela de carácter eminentemente didáctico, destacam-se os *Carmina ethica* publicados em Pádua, os *Icones* já atrás referidos e constituídos por um conjunto de epigramas destinados a comentar 67 retratos de famosos médicos e outros sábios antigos e modernos, e, acima de tudo, o livro dos *Emblemata*, a obra de Sambuco que, entre todas, obteve maior audição. Publicada pela primeira vez em 1564, em Antuérpia, teve aí mesmo mais cinco reedições nos 20 anos subsequentes, incluindo uma tradução francesa.

Foi, naturalmente, o prestígio europeu desta última composição do humanista húngaro que levou a Academia Kiadó de Budapeste a incluí-la, sob o n.º XI, no seu actual plano de edições fac-similadas intitulado «Bibliotheca Hungarica Antiqua», fazendo acompanhá-la de um estudo, em separata, feito pelo Dr. August Buck, professor da Universidade de Marburg/Lahn, sobre o autor e a sua obra.

O livro insere-se no estilo e temática da conhecida literatura emblemática, criada e teorizada pelo famoso jurista italiano André Alciato. O carácter distintivo do *emblemata*, formado pela tríade elementar que consiste «na conjugação de uma curta sentença, de uma gravura e de alguns versos explicativos», no dizer de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto (vd. «*EMBLEMATA e ΣΗΜΑΤΑ*», Separata de *Euphrosyne*, Nova Série, vol. XVI, p. 335), encontra-se aqui plena e sistematicamente realizado, em obediência ao género a que já se chamou «poesia pintada» (*picta poesis*). De facto, dos 166 emblemas devidamente ilustrados que integram a colecção de Sambuco, apenas uma meia dúzia não cumpre aqueles três requisitos, ou porque se trata de simples epigramas e *epitaphia* dedicados a personagens ou realidades relacionadas com o poeta, ou porque têm, em vez da curta frase sentenciosa e enigmática que habitualmente os encabeça, um mero título que resume claramente o tema exposto nos versos que o acompanham (vd., por exemplo, pp. 9-10, 120, 124-125, 167, 194, 228-229).

A temática geral deste conjunto de emblemas é determinada pelas intenções de didactismo declaradamente moral do autor. Assim, os assuntos que neles prevalecem têm a ver com a filosofia dos costumes, de incidência privada e sobretudo social, como a instabilidade da sorte, a consciência íntegra, a verdadeira amizade, a insegurança de tudo, a inutilidade do supérfluo, a dubiedade do amor, a irrequietude da vida, a sabedoria insensata, o saber meramente livresco, o valor do trabalho, a virtude como guia da vida, etc.

Mas a principal importância dos *Emblemas* de Sambuco reside, a nosso ver, em certas reflexões que neles encontramos sobre teorização literária e estética em geral.

Um dos exemplos mais elucidativos a tal respeito é o emblema (por sinal, um emblema sem a habitual sentença) que o autor dedica a um dos humanistas franceses seus amigos, Denis Lambin, com o título de *Poetica ad Dionysium Lambinum* (p. 50) e em que Sambuco resume, através da figuração personificada de uma mulher, toda a teoria do fingimento poético, da valência metafórica da arte e, enfim, da origem inata, ou, antes, divina, da inspiração estética: *Non mea sum, fingor, caelestis spiritus intus / Agit ...* (cf. Virgílio, *Eneida* 6, 726).

Porém, o melhor exemplo dos propósitos didáticos de Sambuco sobre teoria literária é o que respeita à definição de género emblemático e que ocupa a maior parte das quatro páginas e meia que, à guisa de prefácio, o autor dedica justamente ao significado literário de *emblema* sob a epígrafe *De emblemate* (p. 3-7). Depois de esclarecer o seu sentido etimológico e real, e de o confrontar com outros conceitos afins, mediante um abundante vocabulário grego, e de realçar o seu carácter obscuro, hermético e enigmático, que o torna, por isso mesmo, mais agradável, estimulante e polissémico (*Itaque tecta, arguta, iocunda et varie significantia sint...*), termina com estas palavras, que vale a pena transcrever e traduzir:

Non satis ergo uident quid Emblema sit qui quasuis sententias, historias, fabulas uulgo tritas, umbris figurarum res eodem exprimentibus modo, aut quodlibet heroum dictum lemmate informatum, emblema existimant. Quis enim hoc pacto non poetarum γνώμας, fabulas, exempla historiarum omnia, prouerbia, apophthegmata non suffigurarit? Vt si semiputata uitem pro negligentí patrefamilias, muscam contra elephantem pro temeritate, laterem lotum pro inani labore, Curtii uotum, Horatii factum pro fortitudine, et quae huius generis de Valerio et aliis circumferuntur, adducam, nisi aliquo adiuncto dissimulentur et εἰρωνικὰ sint, quis miretur aut laudem tribuat?

Quare selecta et ὀγκώδη erunt, nec minus quam caecae et singulares Aegyptiorum et Pythagoreorum illae notae mentem exercent; sed nec multitudine figurarum pictoribusque magis artificio quam potestate has res metimur. Quamobrem in omnibus sit aliquantum uersatus qui apte παραδοξότερα comminisci uelit, atque in rerum natura quorumuis formam, causas, proprietates, ac ipsam denique εἰδωλοποιηκὴν teneat, atque posteritatem consequi iustam studet, necesse est; nec sit stomachus qui non quiddam, quod sapiat, inueniat.

i.e.

Por isso, não estão a ver bem o que é o Emblema aqueles que por emblema entendem toda a espécie de máximas, histórias ou lendas gastas pelo uso popular acompanhadas de ilustrações que exprimam de modo idêntico tal pensamento, ou então todo e qualquer dito famoso guarnecido de um título. Pois, quem é que não conseguiria ilustrar com figuras assim «sentenças» de poetas, lendas, toda a espécie de episódios da história, provérbios, apotegmas? Seria como se eu mostrasse uma cepa apenas metade podada para significar o desleixo do vinhateiro, uma mosca a investir contra um elefante para simbolizar a temeridade, um tijolo metido em barreira para representar o esforço baldado, o sacrifício de Cúrcio ou a façanha de Horácio para exprimir a coragem, e outros casos deste género

tirados de Valério e de outros autores, que circulam de mão em mão: se não lhes for acrescentado algo de dissimulação e não forem «irónicos», quem é que neles encontrará graça e poderá atribuir-lhes valor?

Eis a razão por que os emblemas não-de ser seleccionados e «herméticos» e deverão estimular o espírito do mesmo modo que aqueles famosos sinais obscuros e singulares dos Egípcios e dos Pitagóricos; e não é pela abundância de ilustrações nem é mais pela arte do pintor do que pelo poder do significado que nós avaliamos tais composições. Por isso, àquele que quiser excogitar pensamentos «de bom efeito paradoxal» importa que seja versado um pouco em tudo, e, seja qual for a matéria, que ele a domine na forma, nas causas, nas propriedades e, enfim, na própria «imagética», se pretende ser lido e merecer alcançar a posteridade; e que não haja estômago que não deixe de aí encontrar um certo sabor.

Apesar destas palavras, deve reconhecer-se, porém, que Sambuco nem sempre consegue rodear os seus emblemas do carácter enigmático preconizado no prefácio deste livro, e a verdade é que tanto o texto de muitos dos epigramas, como as belas gravuras que os ilustram, mostram uma simbologia de fácil entendimento e interpretação.

Esta obra apresenta, ainda, outros aspectos de particular interesse cultural, como a inclusão de um apêndice de conteúdo numismático com a reprodução de vinte e três medalhas antigas, com inscrições latinas e gregas, relativas a vários imperadores romanos. Outro interesse respeita aos nomes das personagens a quem Sambuco dedica grande parte (mais de uma centena) dos emblemas. Neles se espelha o ambiente sociocultural em que o autor viveu e o círculo de amigos a que ficou vinculado. Além da referência a figuras da sua pátria, aí aparecem nomes franceses, como os filólogos Denis Lambin (p. 50) e Adrien Turnèbe (p. 30), o poeta Jean Dorat (p. 87) e o filósofo Pierre de la Ramée (p. 214); ilustres italianos, como Francesco Robortelli (p. 106), Pietro Vettori (p. 218), Paolo Manucio (p. 116), Achille Boschius, a quem Sambuco considera como seu pai (p. 76), Fulvio Orsini (p. 62), o cardeal Gulielmi Sirloto (p. 191) e muitos outros.

No que toca à cultura portuguesa, é oportuno registar, neste elenco variado de homens eruditos, o nome de um dos nossos maiores humanistas, Aquiles Estaço, a quem Sambuco dedica o emblema da p. 177. Trata-se de um epigrama inspirado na frase da Sátira II, 8, de Juvenal, «*Frontis nulla fides*» (como quem diz: «Não te fies nas aparências», ou «Quem vê caras não vê corações»), sobre o segredo dos sentimentos humanos, que nem sempre correspondem aos sinais fisionómicos do homem, ao contrário dos animais, que desvelam os seus humores no instinto do seu comportamento, como explica o texto da referida composição, que aqui reproduzimos, acompanhada de tradução:

FRONTIS NVLLA FIDES

Achilli Statio Lusitano

[gravura]

*Cunctis Deus creauit
quaecunque terra et undis,*

*signum dedit, pateret
 natura singulorum ut.
 Latratibus canis sic
 suae indicem dat irae.
 Taurus monet furorem
 quod cornuis petendo
 laedat, uenena caudis
 serpens gerit, timendus
 et scorpius cauetur.
 Est nuda frons, sed index
 mortalibus negatus,
 ut nosse quis bonus sit
 nequeas, tibi a maloque
 dum tempus est cauere.
 Dextra tenet tabellam
 rasam, notis nec ullis
 insignem, amicus ut sit
 qualis tuus, colis quem
 tot sedulus per annos.
 Scribas mihi potes si,
 num candide, dolo ne
 tecum egit, at recusas.*

i.e.

NÃO TE FIES NAS APARÊNCIAS

Ao português Aquiles Estaço

A tudo quanto Deus criou
 na terra e nas ondas do mar
 concedeu um sinal para tornar
 patente a natureza de cada criatura.
 É com os latidos que o cão
 dá indício da sua sanha.
 O touro anuncia a sua fúria
 sempre que, ao investir com os chifres,
 ataca e fere, e é na cauda que a serpente
 traz o veneno e que o temível
 escorpião recomenda cautela.
 É nua a fronte dos mortais
 e desprovida de denúncia,
 para não conseguires saber
 quem é bom, nem precaver-te
 contra o mal enquanto é tempo.
 O teu amigo segura na mão direita
 uma tábua rasa e sem marcas

nem qualquer sinal, para continuar
 igual àquele a quem tu estimas
 com desvelo há tantos anos.
 Escreve-me, se puderes, a dizer
 se acaso ele te tratou com boa fé,
 se com engano e o recusas.

A presença do nome de Estaço no livro do humanista húngaro pode significar que este, apesar de mais novo sete anos, o terá conhecido, se não pessoalmente, ao menos pela irradiação da obra do fitólogo português publicada em algumas das cidades onde também Sambuco veio a editar grande parte dos seus livros, designadamente em Paris e sobretudo em Antuérpia — o primeiro, nesta última, a partir de 1553 e o segundo a começar dez anos mais tarde. Mas não é de todo improvável que os dois humanistas se tenham cruzado em Paris já pelos anos de 1551-1552, quando Sambuco aí se demorou pela primeira vez. De resto, se bem interpretamos a parte final do texto do emblema acima transcrito, ele parece confirmar esta hipótese, pois a estima de Estaço por Sambuco nele recordada em 1564 (a dedicatória da p. 232 tem data de 3 de Janeiro e o cólofon a de 25 de Agosto) vinha de longos anos atrás (*amicus ... tuus ... colis quem tot sedulus per annos*). Enfim, as posteriores viagens de Sambuco pela Itália, onde travou conhecimento e amizade com grandes eruditos da época (alguns dos quais foram também amigos e admiradores de Aquiles Estaço), pode ter permitido ou continuado o contacto dos dois escritores. Seja como for, este emblema de Zsámboky János — que, além de ostentar a tríade característica da literatura emblemática, assume, ainda, uma certa feição epistolar no fecho da sua composição — alarga, ainda mais, para outros espaços do mundo não românico o prestígio do humanista português da Vidigueira.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

PHILIPPE WOLFF, **Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?**, Lisboa, «Edições 70», Col. **Lugar da História**, 1988, 328 p.

Na sequência de outras notáveis obras suas, como *Commerces et marchands de Toulouse (vers 1350 — vers 1450)*, Paris, Plon, 1954 (740 p.) e *Les estimes toulousaines des XIV^e et XV^e siècles*, Toulouse, Assoc. Marc Bloch, 1956 (355 p.), e vários artigos sobre história económica do período de viragem entre a Idade Média e os tempos modernos, Philippe Wolff apareceu com um novo livro, *Automne du Moyen Âge ou printemps des temps nouveaux*, Paris, Aubier, 1986, que representa um repensar de alguns dos seus próprios juízos anteriores acerca da época medieval e que, em boa hora, as Edições 70 incluíram recentemente na sua colecção «Lugar da História».